

Futebol não é coisa de macho: Nando Gald, a pauta LGBTQIAPN+ e outros currículos de torcer no futebol

Soccer is not a male's thing: Nando Gald, the LGBTQIAPN+ agenda and other CVs for cheering in stadiums

Marcelo Alves de Resende

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Doutorando em Comunicação, UERJ
mar.marceloresende@gmail.com

Ricardo Ferreira Freitas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Doutor em Sociologia, Sorbonne, França

RESUMO: Este trabalho objetiva refletir sobre a atuação de Nando Gald, torcedor-influenciador do Vasco e gay afeminado que conquistou notoriedade nas redes sociais e nos estádios ao acompanhar o clube. O futebol forma pedagogias do torcer (Bandeira, 2010) com o regramento da masculinidade hegemônica (Connell, Messerschmidt, 2013). Com o conceito de ambiência (Anjos, 2022), vamos verificar o que levou Nando Gald a conseguir se fazer presente num estádio de futebol, esporte historicamente machista e LGBTfóbico, abalando a masculinidade hegemônica. Relacionando os estudos de Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, discutiremos gênero e sexualidade para problematizarmos as formas de organização social que só aceita a ideia de “macho” como ideal de ser. Como gay afeminado, Nando Gald se faz presente em jogos do Vasco com uma performatividade contrária a esse ideal hegemônico de masculinidade. O que fez com que ele sofresse ataques homofóbicos, levando-o a revelar o caso por meio de um vídeo em seu Instagram. Com a análise de conteúdo (Sampaio, Lycarião, 2021), analisaremos o vídeo para descrever e interpretar as problemáticas de gênero e sexualidade a partir dos autores supracitados para que se possa pensar outros modos de torcer no futebol brasileiro que não o da masculinidade viril e, assim, criar ideias para a democratização do futebol brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Gay afeminado; Vasco da Gama; Nando Gald; LGBTQIAPN+.

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the actions of Nando Gald, a Vasco fan-influencer and an effeminate gay man who gained notoriety on social media and in stadiums by following the club. Football forms pedagogies of support (Bandeira, 2010) with the rules of hegemonic masculinity (Connell, Messerschmidt, 2013). Using the concept of ambience (Anjos, 2022), we will examine what led Nando Gald to be present in a football stadium, a historically sexist and LGBTphobic sport, shaking up hegemonic masculinity. Relating the studies of Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, we will discuss gender and sexuality to problematize the forms of social organization that only accept the idea of “macho” as an ideal of being. As an effeminate gay man, Nando Gald is present at Vasco games with a performance that goes against this hegemonic ideal of masculinity. This has led to him suffering homophobic attacks, leading him to reveal the incident through a video on his Instagram. Using content analysis (Sampaio, Lycarião, 2021), we will analyze the video to describe and interpret the issues of gender and sexuality based on the aforementioned authors so that we can think of other ways of cheering in Brazilian football other than that of virile masculinity and, thus, provide ideas for the democratization of Brazilian football.

KEYWORDS: Football; Effeminate gay; Vasco da Gama; Nando Gald; LGBTQIAPN+.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe refletir a atuação de Nando Gald, influenciador digital que, desde 2024, tem ganhado popularidade e seguidores no Instagram se apresentando como torcedor do Club de Regatas Vasco da Gama (CRVG). Nando Gald é um homem gay, cuja condição também passa por outros atravessamentos por ser negro e periférico, nascido e criado em Urucânia em Santa Cruz, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro.¹ Um conteúdo característico de Nando, no Instagram, é fazer uso do humor para desconstruir padrões generificados e sua performance² corporal atribuída socialmente nas concepções do que é considerado masculino e feminino. É comum Nando Gald iniciar seus vídeos ou sequência de fotos com o rosto fechado e sério para mimetizar o que seriam gestos típicos de uma masculinidade heteronormativa. Porém, em seguida, Nando muda os trejeitos e age com uma performatividade do “gay afeminado” entoando o bordão “respeita a minha história”, valorizando a própria formação que teve enquanto indivíduo, ou seja, o próprio modo de ser enquanto um homem “gay afeminado”, apresentando expressões corporais que vão de encontro a um currículo de masculinidades predominante no futebol e fora dele.³

A atuação de Nando Gald vai além das redes sociais ao ser fazer presente em dias de jogos no estádio de São Januário – onde o Vasco manda os seus duelos – e seus arredores, um importante cenário para os conteúdos postados pelo “torcedor-influenciador”.⁴ As ideias de Issaaf Kharawi (2016)⁵ permitirão entender o contexto contemporâneo marcado pelo consumo da imagem de pessoas que se popularizam nas redes sociais digitais e que demonstram capacidade efetiva de impactar diretamente as decisões de consumo dos indivíduos. Nando Gald tem um patrocínio próprio e costuma participar de ações de marketing do CRVG, o que são indicadores de seu alinhamento com demandas mercadológicas tão presentes e questionadas no futebol.⁶

¹ Segundo o Censo 2022, do IBGE, Santa Cruz possui 249.130 habitantes, com 112.773 domicílios. Números que põe o bairro como o terceiro mais populoso do Rio de Janeiro, ficando atrás de Campo Grande e Bangu, também bairros periféricos da zona oeste.

² BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, p. 237.

³ BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 15.

⁴ Essa nomenclatura será daqui usada para tentar denominar, mesmo que provisoriamente, um fenômeno multifacetado como é o caso de Nando Gald.

⁵ KHARAWI. *Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria*, p. 41.

⁶ SIMÕES. *A produção do clube: poder, negócio e comunidade no futebol*, p. 296.

Nando Gald segue uma trajetória diferente ao ser frequentemente acionado no contexto do clube e de sua torcida em momentos variados, como ocorreu no dia 25 de abril, quando o torcedor-influenciador marcou presença no evento de divulgação da nova camisa do time na loja Gigante da Colina⁷ no Shopping de Madureira,⁸ região icônica da zona norte, no subúrbio carioca. Essas ações demonstram a legitimidade que a imagem do torcedor-influenciador carrega consigo. Nando Gald pode ser considerado uma figura que transgride a lógica da heteronormatividade masculina tão presente no futebol brasileiro, sobretudo, nas representações e práticas torcedoras. Sua atuação aponta para possíveis transformações no âmbito do torcer, considerando que o ambiente futebolístico é, notadamente, marcado por manifestações machistas e homofóbicas. Entretanto, é importante salientar que Nando Gald é, também, um agente dessas mudanças, afinal acreditamos ser possível considerá-lo como um ativista em defesa das pautas LGBTQIAPN+.

A sua ligação com o Vasco atraiu novos seguidores para seu perfil e mais visibilidade. Contudo, Nando Gald passou a ser atacado via redes sociais e presencialmente por outros torcedores, por performar um jeito de torcer que questiona a masculinidade heteronormativa dominante no futebol. O vascaíno, que em novembro de 2024 já contava com mais de 800 mil seguidores no Instagram, usou suas redes sociais, em julho de 2024, para revelar as ofensas e ameaças sofridas por ser LGBTQIAPN+ e, portanto, desviante dos padrões hegemônicos de masculinidade. Após o caso vir à tona, o CRVG saiu em defesa de Nando Gald em postagem no X (ex-Twitter), o que demonstra o apoio do clube ao seu torcedor LGBTQIAPN+.

Este artigo propõe analisar o vídeo de Nando Gald no Instagram, no qual o torcedor-influenciador revela violências sofridas e se posiciona diante desses casos. Recorremos à análise de conteúdo⁹ para tentarmos responder algumas questões: qual é o teor das mensagens de ódio recebidas por Nando Gald? Como esses ataques podem nos ajudar a entender a prática torcedora? Quais são as reações e os posicionamentos do influenciador? No que diz respeito às problematizações das temáticas

⁷ Rede de franquias oficiais do Vasco da Gama.

⁸ O bairro de Madureira é considerado o berço do samba, onde estão duas escolas tradicionais de samba da cidade, e um grande polo cultural e comercial no Rio de Janeiro, oferecendo opções fora do eixo Centro e zona sul.

⁹ SAMPAIO; LYCARIO. *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*, p. 17.

de gênero e sexualidade, buscaremos ancoragem teórica nas propostas de Gustavo Bandeira, Guacira Lopes Louro e Judith Butler. Este trabalho fará uso do conceito de ambiência de Luiza Aguiar dos Anjos¹⁰ para compreender a conjuntura que torna possível o aparecimento e ascensão de alguém como Nando Gald.

O FUTEBOL QUE EXCLUI: IDEAIS MACHISTAS E MERCADOLÓGICOS

Bandeira e Seffner¹¹ recorrem à noção de currículo para discutir a formação das práticas torcedoras, como um processo de aprendizagem. Segundo os pesquisadores, esse currículo seria formado por uma “série de normas, tradições, sugestões de possíveis recompensas, indicações promissoras de inclusão no grupo, algo que os sujeitos são reiteradamente incitados a fazer”.¹² O torcer passa por múltiplos atravessamentos socioculturais definidos pelo contexto (tempo e espaço) ao qual está inserido, constituindo diversos processos educativos. Tal definição está inserida no debate que Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Goellner abordam sobre pedagogias que produzem os indivíduos.

[...] além da escola, um conjunto extraordinário de espaços e instâncias sociais exercitam “pedagogias”, ensinam formas de ser e de estar no mundo para crianças, jovens, adultos; marcam posições de sujeito; estabelecem hierarquias, classificam, aprovam e desaprovam corpos e aparências; sancionam e penalizam comportamentos, gestos, atitudes.¹³

Ao desnaturalizar a concepção binária entre masculino e feminino e os seus respectivos papéis sociais, Judith Butler¹⁴ afirma que, da mesma forma que se define um “homem” como “masculino” a partir do corpo que nasce com significados culturais, também é possível falar de um “homem” com performatividade “feminina”, e vice-versa, pois esses conceitos são construídos culturalmente por meio das relações sociais. Logo, se são construídos culturalmente, processo entendido por Butler

¹⁰ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay*, p. 37.

¹¹ BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 24.

¹² BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 14.

¹³ LOURO; FELIPE; GOELNNER. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*, p. 7.

¹⁴ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 56.

como uma “construção fictícia” a partir da lógica dominante, o gênero é “performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”.¹⁵ Podemos entender o futebol como um dos veículos dessa regulação. No caso do torcer, os estádios de futebol são espaços nos quais se reproduz e se reitera um currículo de masculinidades caracterizado por uma constante desvalorização das práticas homoeróticas, especialmente aquelas vinculadas à passividade.¹⁶ Essa relação se evidencia no processo de construção das identidades e alteridades torcedoras, fundamentada em uma nítida diferenciação entre um “nós”, formado por masculinidades heterossexuais, viris e guerreiras, e do outro lado, um “eles”, que se aproximam das masculinidades não heterossexuais e das feminilidades.

Demonstrar afeto, carinho, abraçar calorosamente e chorar por outros homens é algo que foge às expectativas socialmente compartilhadas, sendo o futebol um dos únicos lugares onde os homens têm a permissão de manifestar certas emoções e fragilidades sem o risco de ter a sua masculinidade questionada. Talvez por esse motivo exista uma resistência tão forte, no âmbito futebolístico, à presença das mulheres e de homens que não performatizam os ideais hegemônicos de masculinidade. Embora seja um âmbito em que violências — simbólicas ou físicas — são permitidas, o futebol reproduz uma homossociabilidade num processo ritual no qual a condição de heterossexuais dominadores precisa ser afirmada e reafirmada.¹⁷

Configura-se a alteridade a partir de características negativas lançada sobre time e torcida rivais com práticas e ações que são entendidas como naturais dentro dos estádios, mas que fora deles poderiam ser inadequadas.¹⁸ O adversário é sempre o “puta, viado, ladrão”, gritos entoados por vascaínos contra os rivais flamenguistas, que também se referem a uma das organizadas do Vasco em cântico “Força Jovem, filha da puta, chupa rola e dá o cu”, como já presenciado por um dos autores deste trabalho em jogos entre os rivais cariocas. A misoginia e a LGBTfobia são naturalizadas e evidenciadas na dimensão organizacional do futebol brasileiro, que carece de representação para além

¹⁵ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 56.

¹⁶ BANDEIRA. “*Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração*”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol, p. 85.

¹⁷ DAMO. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, p. 395.

¹⁸ BANDEIRA; SEFFNER. *Pedagogias do futebol e do torcer*, p. 26.

de homens brancos e que se colocam publicamente como heterossexuais.¹⁹ Uma diversidade baixa que, historicamente, não é entendida como problema.

Atualmente, existem coletivos e movimentos de torcedores que lutam pela democratização do futebol, sobretudo nas arquibancadas. Uma disputa por outros sentidos de torcer tem se fortalecido, nos últimos dez anos, mas que já se manifestava durante o último período ditatorial no Brasil. No fim da década de 1970 e início dos anos 1980 – período de cerceamento de liberdades individuais por parte do Estado brasileiro –, surgiram torcidas gays de futebol, como demonstra Luiza Aguiar dos Anjos.²⁰ A que mais conquistou notoriedade e se fez presente nos estádios foi a Coligay (Grêmio), apresentando-se como um grupo de experimentação de certa liberdade para homens gays e travestis torcerem nas arquibancadas para torná-las também um espaço de afirmação de identidades sexuais e de gênero:

[...] a Coligay acaba por desarticular a expectativa de desencaixe e inadequação de homens homossexuais ao espaço futebolístico, sem que ela se mostre uma torcida “iguais as outras”. Ela compactou com códigos do futebol, se dispondo ao confronto físico e verbal, empunhando bandeiras e apoiando intensamente a sua equipe. Por outro lado, impôs seus requebros, suas vestimentas espalhafatosas, seu linguajar debochado e provocativo.²¹

A Coligay deixou de existir no início da década de 1980 por questões administrativas.²² No Rio de Janeiro, a Flagay não obteve sucesso para se constituir como uma torcida gay do Clube de Regatas do Flamengo. Institucionalmente, o clube agiu para que a Flagay não se fizesse presente nos estádios, tendo apoio de outros grupos de torcedores rubro-negros e torcidas organizadas. Entre os argumentos usados para o banimento da referida torcida, estavam a desonra que sua presença traria

¹⁹ Dos 20 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, apenas um possui uma mulher como presidente: o Palmeiras (Leila Pereira). Todos os outros 19 possuem presidentes (associativos) ou CEOs (SAFs) como homens. A CBF nunca teve uma mulher como presidente.

²⁰ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 147. Algumas das torcidas gays: Galo Gay (Atlético-MG), Fiel Gay e Gayviões da Fiel (Corinthians), Palgay (Palmeiras), Zé Gay (São José/RS), Torja (Náutico/PE), Flagay (Flamengo), Coligay (Grêmio).

²¹ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 25.

²² Luiza Aguiar dos Anjos conta que o término da Coligay se deu pela saída de Volmar Santos, presidente da torcida, de Porto Alegre, retornando para Passo Fundo. Volmar centralizava as ações do grupo.

para o clube, que não seria lugar para a Flagay, tratada como uma enfermidade social.²³ Apesar da formação de 22 torcidas gays, de 19 clubes diferentes, naquele período, elas não prosperaram por muito tempo,²⁴ invisibilizando corpos LGBTQIAPN+ no futebol por décadas.

Nos anos 2010, as reformas para a Copa do Mundo de 2014 transformaram estádios em arenas modernas, elitizando o público pelo valor alto dos ingressos. Surgiram grupos que têm como pauta a crítica à elitização do futebol brasileiro. Também surgiram grupos de torcedores preocupados com o direito de torcer, encampando pautas nas redes sociais contra os padrões normativos da masculinidade hegemônica que restringe a participação de mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+ no futebol.²⁵ Naquele momento, a reivindicação partiu de grupos como Galo Queer (Atlético-MG), Palmeiras Livre e Bambi Tricolor (São Paulo), que usaram as redes sociais para lutar por outros sentidos de torcer nas arquibancadas. Aqui cabe ressaltar que a internet é um importante espaço de manifestação para grupamentos de torcedores vinculados à comunidade LGBTQIAPN+, o que se relaciona não somente ao potencial comunicativo e de manifestação de ativismos das redes,^{26,27} mas, sobretudo, ao medo de frequentarem os estádios e serem alvo de violência física. A Palmeiras Livre, por exemplo, foi criada em 2013 e só conseguiu estar como coletivo em um jogo do Palmeiras em 2023, ou seja, 10 anos depois da sua fundação. O coletivo comemorou o feito no Instagram, ressaltando o combate à LGBTfobia, ao racismo, ao machismo, à intolerância na torcida do Palmeiras, no futebol e em toda a sociedade.²⁸ Em 2024, a Palmeiras Livre denunciou em postagem no Instagram as ofensas LGBTfóbicas recebidas, após a derrota do Palmeiras para o Botafogo por 3 a 0, no Allianz Parque, em jogo crucial na luta pelo título do Campeonato Brasileiro daquele ano.²⁹ As falas preconceituosas recebidas no perfil do grupo culpavam a Palmeiras Livre pelo revés. Uma das ofensas destacadas pelo coletivo foi: “Minha teoria é que os homem (sic) estão se aviadando no

²³ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 148-51.

²⁴ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 165-6.

²⁵ PINTO. *Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol*, p. 2.

²⁶ MORAES. *O ativismo digital*, p. 2.

²⁷ MORAES. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas, p. 5-7.

²⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ct95Kq5P_X0/?img_index=1.

²⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DC49hB8JXwU/>.

mundo todo e por isso estamos nessa fase de fracos. Por mais brigas e menos protestos” (Livre, 2024).³⁰ O pedido de mais brigas conota a ideia de homens másculos, fortes, viris e violentos como sendo uma das características consideradas como típicas de um “verdadeiro macho” e de um “verdadeiro torcedor”.

Em 2019, mesmo ano que o Supremo Tribunal Federal (STF) equiparou o crime de LGBTfobia ao de racismo, um jogo da Série A do Brasileirão foi paralisado, pela primeira vez, por cânticos homofóbicos em Vasco x São Paulo, em São Januário, porque a torcida vascaína se referia aos jogadores são-paulinos como “time de viado”.³¹ O árbitro Anderson Daronco advertiu jogadores e técnico vascaínos para pedirem à torcida que parassem com os gritos LGBTfóbicos, cena presenciada por um dos autores deste trabalho.³² Depois desse episódio, o Vasco realizou uma série de ações para combater a LGBTfobia nos estádios, como veremos à frente. Em 2022, casos de LGBTfobia superaram outros temas em julgamentos do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) (Resende, Rodrigues, 2022).³³ No mesmo ano, a CBF fechou parceria com o coletivo Canarinhos LGBTQ, criado em 2019 com o intuito de denunciar e combater as violências sofridas por pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, nas redes sociais e nas ruas.³⁴

O futebol está inserido na ideia do consumo como status e hierarquização, porque seleciona o público³⁵: só vai torcer/consumir quem pode pagar, tema que está em evidência no futebol brasileiro, com preço dos ingressos subindo acima da inflação em 12 clubes da série A do Campeonato Brasileiro.³⁶ Mary Douglas e Baron Isherwood definiram que “a escolha dos bens cria continuamente certos padrões de discriminação, superando ou reforçando outros”.³⁷ Com a perspectiva de que os bens são produzidos culturalmente, os autores afirmam que, por isso, “são arranjados em

³⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DC49hB8JXwU/>.

³¹ ÁRBITRO paralisa jogo em São Januário após gritos homofóbicos. Disponível em: <https://abrir.link/IMyZZ>.

³² Marcelo Alves de Resende estava nas arquibancadas sociais de São Januário. Assim que houve a paralisação, os torcedores demoraram a entender o alerta do árbitro, ou seja, demoraram a entender a LGBTfobia dos gritos, naturalizada no futebol, até a sinalização de jogadores e técnico vascaínos.

³³ Disponível em: <http://bit.ly/418cviz>.

³⁴ Site do coletivo: <https://canarinhoslgbtq.com.br/>.

³⁵ MASCARENHAS. O direito ao estádio.

³⁶ BARROS. Está mais caro ver o jogo do seu time no Brasileirão? Checamos. Disponível em: <http://bit.ly/45UmvC>.

³⁷ DOUGLAS; ISHERWOOD. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*, p. 114.

perspectivas e hierarquias que podem dar espaço para a variedade total de discriminações de que a mente humana é capaz”.³⁸ Discrimina-se quem não pode pagar com a exclusão, privilegiando alguns perfis de torcedores em alguns dos atuais programas de sócio-torcedor dos clubes brasileiros.³⁹ O futebol é uma plataforma interessante para entendermos a sociedade de consumidores que põe os pobres como inúteis e descartáveis.⁴⁰ O protagonismo do futebol é do torcedor-consumidor nas arquibancadas, na qual a figura do pobre, que não possui meios para consumir, não é bem-vinda, assim como ocorre na sociedade de um modo geral: “Os pobres são desnecessários, e, portanto, indesejados”.⁴¹ Daí, permite-se pensar os motivos que levaram à mudança física dos estádios que se transformaram em arenas: os espaços populares e “a geral” sem assentos do passado dão lugar a cadeiras numeradas para o torcedor-consumidor que “exige” um estádio mais “ordenado”, dificultando o aparecimento de torcedores que fogem do padrão comportado das arenas, produto da elitização dos estádios.⁴²

Seja por questões sociais⁴³ ou por preconceito contra quem foge dos padrões idealizados de masculinidade, determinados corpos estão sendo excluídos das arquibancadas, fazendo do futebol um ambiente antidemocrático ao reiterar uma perspectiva única de consumo e jeito de torcer. Assim, delineia-se um modelo de torcedor ideal que obedece aos seguintes parâmetros: homem, heterossexual, branco e de classes mais abastadas.⁴⁴ No entanto, existem maneiras de burlar as regras previamente estabelecidas pelo discurso hegemônico, o que torna o trabalho sobre Nando Gald ainda mais instigante para verificar como o torcedor-influenciador do Vasco conseguiu ganhar visibilidade no futebol e frequentar as arquibancadas de São Januário sendo gay afeminado e um jovem negro oriundo do subúrbio do Rio de Janeiro.

³⁸ DOUGLAS; ISHERWOOD. *O mundo dos bens*, p. 114.

³⁹ Quem não se torna sócio-torcedor dificilmente consegue ir aos jogos porque os bilhetes tendem a esgotar antes de as vendas chegarem ao público geral. São diferentes planos que garantem a preferência, de acordo com o valor pago, na compra dos ingressos por ondas de liberação. Quem paga mais está na primeira onda de ingressos liberados, e assim por diante. A depender do plano, você paga para garantir apenas descontos na compra dos ingressos.

⁴⁰ BAUMAN. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, p. 158-61.

⁴¹ BAUMAN. *Vida para consumo*, p. 158-61.

⁴² SIMÕES. *A produção do clube*, p. 217-8.

⁴³ MASCARENHAS. O direito ao estádio.

⁴⁴ MARTINI; CARNEIRO. IBGE: Brancos ganham 64% a mais que pretos e pardos. Caderno Brasil. 6 dez. 2023. Disponível em: <http://bit.ly/4mPGggy>.

NANDO GALD: “RESPEITA A MINHA HISTÓRIA”

Fernando Galdino tem 31 anos e é morador de Santa Cruz, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Negro e membro da comunidade LGBTQIAPN+, o hoje torcedor-influenciador é lido, em nossa cultura, pelo que se chama de gay afeminado, o homem que possui a performatividade da feminilidade. Vimos anteriormente como a feminilidade é subjugada dentro e fora do futebol a partir da binaridade e a performatividade exigida dos indivíduos de acordo com o seu sexo. Os ideais da masculinidade hegemônica questionam o gay afeminado como um homem que abdica das suas características “naturais” de braveza, virilidade, macheza (etc.), subalternizando-o por representar o feminino: “A reafirmação da identidade masculina, em detrimento à identidade feminina, aparece como aspecto positivo e superior, reforçando a própria dominação de gênero, com a heteronormatividade e a misoginia.”⁴⁵

Nando Gald, como é conhecido, também é *drag queen*: chama-se Katrina, que, segundo ele, é para colocar a própria feminilidade para fora.⁴⁶ Nando Gald representa aquilo que é rejeitado pelo futebol masculino elitizado e sob padrões da masculinidade hegemônica, conceito definido por Connel e Messerschmidt como “a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”.⁴⁷ Uma hegemonia que ascende por meio da cultura, das instituições e da persuasão que subalterniza performatividades diferentes do homem viril, forte, bruto etc.

Torcedor do Vasco desde criança,⁴⁸ sentimento que surgiu a partir de seus pais, Nando Gald revelou, em entrevista ao *ge.com*, que sempre teve receio de ir aos jogos do Vasco, de estar em São Januário ou no Maracanã: “ficava com medo de gritar, de me expressar, de torcer. Com minha voz, toda garota, torcer do meu jeito chocava muito. Eu ia, mas ficava sentadinho, no meu canto. Para mim tudo é muito novo”.⁴⁹ A

⁴⁵ MELO; SANTOS. “Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr, p. 260.

⁴⁶ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco: respeite a história de Nando Gald.

⁴⁷ CONNEL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito, p. 245.

⁴⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DBBy4gUOf55/?img_index=1.

⁴⁹ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

expressão “toda garota” associa-se ao feminino e ao estranhamento por Nando Gald ser homem com atributos sociais designados como características femininas. Com o receio de sofrer alguma violência, Nando Gald era reprimido e silenciado pelo ambiente LGBTfóbico do futebol.

Técnico de enfermagem de formação, Nando Gald trabalhava na área⁵⁰ e, ao mesmo tempo, já mantinha um perfil no Instagram – a primeira postagem é de maio de 2013, quando era um perfil pessoal com postagens de círculo íntimo. Em janeiro de 2023, o então técnico de enfermagem chegou aos 10 mil seguidores na rede social.⁵¹ Em janeiro de 2024, já havia chegado a 150 mil.⁵² Essa notoriedade foi conquistada, a partir do humor, com conteúdos marcados por uma sequência em que encena gestuais tipicamente atribuídos à masculinidade hegemônica, como braveza e virilidade, para em seguida se apresentar como o gay afeminado entoando o bordão “Respeita a minha história”. Destacamos uma postagem de 2 de junho de 2024,⁵³ cuja legenda é “Pensou que era um marginal neh safada, respeita a minha história em (sic)”, com emojis de sorrisos, ilustrando uma sequência de fotos em que Nando está em cima de uma motocicleta, veículo que faz parte da ideia predominante sobre o que é ser homem. A palavra marginal conota bandido, criminoso. Associada à cara fechada e emburrada de Nando Gald na postagem, interpreta-se a ideia de ruindade e braveza, características socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica. Nando também brinca com os limites de performatividade de gênero em meio à torcida do Vasco em São Januário – como vimos, os estádios de futebol são um aparato da masculinidade hegemônica. Conforme passamos as fotos para o lado, no chamado carrossel (uma das possibilidades de postagem do Instagram, quando o usuário publica fotos e/ou vídeos numa mesma publicação), Nando vai mudando a performatividade “masculina” para a “feminina”, jogando com os padrões de nossa cultura, afirmando-se como um gay afeminado, no qual se relaciona o bordão “Respeita a minha história”.

⁵⁰ Em postagem de fevereiro de 2023, Nando Gald agradece por voltar a trabalhar na sua área de formação. Disponível em: <http://bit.ly/4mJf031>.

⁵¹ A marca foi comemorada por Nando Gald em postagem no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CnP4QcKqzKg/?igsh=ZTJkaHVyaGduZnVi>.

⁵² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2azuh0r0Rs/?igsh=ZHIyem93bHFnMmJi>.

⁵³ Disponível em: <https://abrir.link/kTNLb>.



Fig. - Transição Nando Gald de performatividade "masculina" para "feminina" em São Januário. Fonte: Instagram Nando Gald (@nandogald), 2024.

Se Butler⁵⁴ afirma que não existe identidade de gênero por trás das expressões de gênero e que a identidade é performativamente constituída socialmente, Nando Gald constrói a própria identidade ao ser um homem gay afeminado. O vascaíno é a personificação da definição de Butler ao desnaturalizar a ideia de gênero e sexo: se é possível definir um homem como masculino, também o será ao pensar como legitimamente feminino.

O conteúdo de Nando Gald também conta com a “Sereia de Urucânia”, personagem que o torcedor-influenciador se veste de sereia com o nome em referência ao conjunto habitacional onde mora no bairro de Santa Cruz. Num vídeo publicado em 13 de novembro de 2024,⁵⁵ Nando está trajado de sereia e camisa do Vasco com uma

⁵⁴ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 56

⁵⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCUNfa6uWke/>.

narração que destaca os dois metros de altura do vascaíno, a calda de sereia, os óculos de “marginal” e a cabeça loira, atributos que, segundo o narrador, é o “Messias que veio para salvar a humanidade”,⁵⁶ referenciando um gay afeminado vestido de sereia como um super-herói pronto para libertar a humanidade de seus males, sejam quais forem. Os elementos do vídeo dialogam com o contexto do subúrbio carioca: os óculos e o cabelo descolorido, por exemplo, são associados ao jovem negro favelado, carregando consigo todos os estereótipos a respeito de quem vive à margem dos padrões sociais, com a pecha de “bandidinho”.

Nando Gald se tornou um torcedor-influenciador do Vasco de maneira despretensiosa a partir da leitura de seu perfil no Instagram. Em 25 de fevereiro de 2024, Nando publicou uma foto na qual aparece, ao lado do pai, vestindo uma camisa do Vasco tendo à sua frente uma mesa com um bolo decorado com símbolos vascaínos.⁵⁷ Muitos comentários nessa postagem fazem referência ao fato de Nando ser torcedor do CRVG. Um deles dizia: “Genteeeeemmm... o bandidao ainda é vascaíno, agora ganhou mais meu respeito uai... REXXXXPEITEM A MINHA HISTÓRIA!”. O “bandidao” é a referência à cara fechada, o que seria de um “marginal”, como vimos anteriormente. Depois, Nando se solta – ou desarma, como ele mesmo diz – ao fazer poses entendidas como femininas e de gay afeminado. O bordão do influenciador também é destacado. Após a repercussão da postagem, os pais de Nando Gald, que antes estavam com medo, levaram-no ao estádio. Nando conta que ficou impressionado com o que se deparou nos arredores de São Januário e nas arquibancadas, sendo reconhecido e aclamado por diferentes tipos de torcedores.⁵⁸

Nando Gald diz que recebe torcedores nas arquibancadas que afirmam que ele é uma referência, dando apoio e pedindo para que continue.⁵⁹ Dois bordões são frequentemente usados pelo torcedor-influenciador: “Respeita a minha história” e “Aqui é Vascão”. O primeiro se relaciona com um processo empreendido pelo clube da construção e reforço de uma memória calcada na valorização de sua trajetória vinculada à inclusão de negros e operários no futebol durante a década de 1920. O segundo bordão, de acordo com o próprio Nando, é uma forma de se posicionar para além de “uma

⁵⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCUNfa6uWkE/>.

⁵⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C3yPF-yOLHU/?img_index=1.

⁵⁸ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

⁵⁹ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

gay fazendo palhaçada na internet”.⁶⁰ É para reforçar que ele possui uma história, uma luta e uma trajetória própria enquanto homem gay afeminado, sabendo-se que vivemos em um dos países em que mais se mata indivíduos LGBTQIAPN+.⁶¹ Trata-se de uma faceta que torna viável aproximarmos a atuação de Nando Gald como sujeito político e do ativismo: “a existência política nasce de uma posição de sujeito que luta. Uma posição de sujeito que nasce de uma decisão voluntária, estratégica, conjuntural a partir de uma situação de opressão e injustiça dada”.⁶²

O próprio Vasco postou um vídeo de Nando Gald fazendo a chamada para uma partida do Campeonato Carioca. A publicação chegou a mais de 2,2 milhões de visualizações e a mais de 113 mil curtidas.⁶³ Em março de 2024, Nando foi convidado pelo clube para ir ao gramado do Maracanã. Assim como acontece em jogos em São Januário, ele também foi celebrado pelos torcedores.⁶⁴ O clube também convidou o torcedor-influenciador para a sua festa de aniversário de 126 anos, comemorados em agosto de 2024.⁶⁵ O fato de o Vasco por Nando Gald em sua página oficial demonstra que o clube de algum modo apoia ter sua imagem vinculada a de Nando Gald, o que também se relaciona a questões de ordem mercadológica.

Nando possui patrocínio de uma marca de apostas esportivas e realizou trabalhos para o canal de streaming CazéTV. Nando Gald conquistou visibilidade e foi condecorado com o prêmio “Orgulhe-se” da Câmara Municipal de Nilópolis,⁶⁶ cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro. A sua atuação nas redes lhe permitiu essa projeção e reconhecimento, o que nos leva a fazer uma discussão sobre a cultura do influenciador digital, que, segundo Issaaf Karhawi, implica o poder de influenciar outros, detentor de certa legitimidade.

Os influenciadores digitais fazem parte de um espaço social de relações marcadas por disputas pelo direito à legitimidade. Assim, “ser influente”, poder dizer algo, ter legitimidade em um campo não é fato dado, mas construído. Para ser capaz de influenciar, em alguma medida, um grupo

⁶⁰ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

⁶¹ BRASIL é o país que mais mata pessoas trans pelo 15º ano consecutivo. IG Queer, 8 jan. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/gzlglt>.

⁶² VIDARTE. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*, p. 61.

⁶³ Disponível em: <https://www.instagram.com/vascodagama/reel/C4TqKS3vKKw/>.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4hD9kGlX1H/>.

⁶⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C-_HMSOP-M6/.

⁶⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/nandogald/p/C9Ar67aO_QX/?img_index=1.

de pessoas, pressupõe-se um destaque, prestígio; algum tipo de distinção em meio ao grupo.⁶⁷

Nando Gald dá entrevistas, aparece em páginas da torcida do Vasco, faz campanhas para marcas.⁶⁸ Ações que lhe conferem legitimidade, mesmo num esporte que exige a performatividade masculina e heteronormativa como o futebol. Karhawi⁶⁹ define que os influenciadores formam a própria imagem como marca, monetizando-a, e atuam como veículos de mídia para engajar nichos de consumidores. Os seguidores de Nando Gald consomem sua imagem e o que ela representa na mídia.⁷⁰ No caso do vascaíno, inicialmente o público LGBTQIAPN+ e, após se revelar torcedor do clube, a esfera Vasco com a produção de conteúdos temáticos. Porém, cabe nos indagarmos os motivos que permitiram a Nando Gald ter conseguido “furar a bolha” e se tornar um torcedor-influenciador de um clube de futebol, esporte que impõe uma série de obstáculos à participação de indivíduos e grupos que não se identificam com a masculinidade viril. Existem coletivos LGBTQIAPN+ que restringem a sua atuação às redes sociais, sem conseguir se fazer presente nos estádios, justamente por uma realidade preconceituosa, como aconteceu com a Palmeiras Livre. A novidade, neste caso, é que Nando Gald conseguiu se fazer presente nas arquibancadas e como indivíduo, sem estar associado a coletivos, embora ele se reconheça como um corpo político que contribui para a transformação na cultura do torcer. Em evento realizado pelo Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (Leme), da Uerj, Nando Gald revelou que ficou surpreso por encontrar leques – ligados à feminilidade em nossa cultura – sendo vendidos na porta de São Januário,⁷¹ o que passou a acontecer após se tornar torcedor-influenciador do clube.

Em seu livro sobre a história da Coligay, Luiza Aguiar dos Anjos⁷² analisa uma série de fatores que permitiram que uma torcida gay fosse constituída num estádio de

⁶⁷ KARHAWI. *Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão*, p. 55.

⁶⁸ Somente em 2024, Nando fez trabalhos para Betsfair (casa de apostas e patrocinadora atual do influenciador), Globoplay, SUS, Rexona, Netflix, Riocard Mais, Águas do Rio, Shopee, Vichy, Corona, BRT, Old Spice. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DEPx8_6gle2/.

⁶⁹ KARHAWI. *Influenciadores digitais*, p. 42.

⁷⁰ KARHAWI. *Influenciadores digitais*, p. 42.

⁷¹ NANDO GALD. Fala no evento 100 anos da Resposta Histórica: antirracismo e antilgbtobia no futebol, realizado pelo Leme, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em novembro de 2024.

⁷² ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 37.

futebol durante a última ditadura civil-militar brasileira. A autora percebe uma ambiência favorável para o sucesso da torcida gay do Grêmio a partir de 1978: mudança de costumes com maior circulação de pessoas LGBTQIAPN+ nos espaços públicos ou meios culturais e intelectuais, a contracultura, a ascensão das individualidades, uma maior movimentação social no fim da ditadura, presença do jornal *Lampião da Esquina* com pautas exclusivas para o público gay. Dentro da ambiência esportiva, destaca-se a característica de liderança da Coligay nas arquibancadas do Grêmio, o fato de o clube vencer e a ideia de “são bichas, mas são nossas”: a ênfase na demonstração de pertencimento clubístico, como sendo fatores fundamentais para a criação da torcida. O ser Grêmio vinha antes da sexualidade. Ou seja, um conjunto de elementos que se contrapõe ao aparato estatal e à sociedade conservadora. Para Anjos, o fato de a Coligay ter surgido antes da epidemia de Aids é um ponto a ser considerado, além de ter sido uma torcida gay em Porto Alegre, fora do eixo Rio-São Paulo, onde já havia a ascensão das torcidas jovens.⁷³ O amor ao Grêmio se soma a uma estética alegre e diferente com as plumas, os paetês, os gritinhos. Além disso, ressalta-se a necessidade de constante negociação com os códigos comuns do torcer. É válido lembrar também que atividade da Coligay se dá em um momento de redemocratização do país. Havia, portanto, uma espécie de “fórmula perfeita” que tornou viável a criação da Coligay e sua frequência, pelo menos durante um tempo, nas arquibancadas.⁷⁴

Podemos pensar a mesma ideia de ambiência para Nando Gald no contexto do Vasco em 2024. O influenciador é um homem negro e gay que já tinha cerca de 200 mil seguidores antes de ter a sua relação ligada ao clube – já possuía uma base de fãs, ponto importante para a sua inserção no contexto do CRVG. Nos últimos anos, o Vasco reforçou a própria imagem como um clube ligado a pautas sociais, a partir do posicionamento histórico em 1924 ao recusar a se desfazer de seus jogadores negros e operários.⁷⁵ Atualmente, dentro de São Januário, na fachada das cadeiras sociais, em frente às câmeras de TV, há os dizeres “O legítimo clube do povo”. O Vasco tem o Colégio Vasco da Gama dentro de São Januário, onde estudam os jogadores das divisões de base – isso não é comum no futebol –, valorizando a formação pedagógica

⁷³ Em entrevista ao Laboratório de Comunicação e Consumo (LACON/UERJ), Luiza Aguiar dos Anjos abordou os detalhes do livro. Disponível em: <https://abrir.link/BXDem>.

⁷⁴ ANJOS. *Plumas, arquibancadas e paetês*, p. 37

⁷⁵ RESENDE. *7 a 1 nos jornais do Brasil*, p. 31.

de seus atletas para além da questão esportiva. O colégio é um orgulho no ecossistema do Vasco e referência no futebol brasileiro.⁷⁶ O CRVG tem implementado a narrativa que valoriza a memória, tanto do clube como sucesso esportivo quanto pela defesa da causa popular, por meio da venda de camisas e objetos, da comunicação no estádio e nas redes sociais, do apoio a eventos sobre os Camisas Negras e a Resposta Histórica.⁷⁷ Na campanha que celebrou os 100 anos do time dos Camisas Negras, o clube usou termos e frases como “igualdade sem distinção”, “esperança de um amanhã melhor”, “construção de um futuro junto” e “vencer a desigualdade”. Referências que fazem parte do lema “Respeito, Igualdade e Inclusão”,⁷⁸ usado pelo Vasco e pela torcida⁷⁹ e pelo próprio Nando Gald e o bordão “Respeita minha história”. É sobre o jeito dele de torcer e pela história do Vasco, que vive momentos esportivos difíceis, mas com uma história vencedora. O clube também dedica um espaço em São Januário para torcedores autistas conseguirem assistir aos jogos.⁸⁰

Na causa LGBTQIAPN+, desde a paralisação do jogo entre Vasco e São Paulo por cânticos homofóbicos em 2019, o Gigante da Colina realizou campanhas para a conscientização de sua torcida. Em junho de 2021, o CRVG lançou, de forma inédita, a camisa branca com a tradicional faixa transversal nas cores do arco-íris, em apoio à comunidade LGBTQIAPN+. Não houve unanimidade entre os jogadores que na época atuavam no clube: o zagueiro Leandro Castán, querido pelos torcedores, fez uma publicação de cunho religioso, no Instagram, colocando-se contrário à decisão do clube sobre o uso da camisa. Tempos depois, Castán admitiu que o seu posicionamento mudou a relação dele para pior com a torcida.⁸¹ Mesmo assim, o clube manteve a estreia da camisa diante do Brusque, em São Januário. Na ocasião, o Vasco

⁷⁶ REIS. Ex-alunos famosos, pausa na aula para ver a Champions e didática esportiva: os 20 anos do Colégio Vasco da Gama. GE.com, Rio de Janeiro, 23 abr. 2024. Caderno Vasco. Disponível em: <https://abrir.link/uECfd>.

⁷⁷ O time do Vasco campeão carioca de 1923, que possuía jogadores negros e operários, ficou conhecido no futebol como “Camisas Negras”. Em 1924, clubes como Botafogo, Flamengo, Fluminense e América, compondo Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (Amea), exigiram que o Vasco retirasse os jogadores pobres e negros de sua equipe. O Vasco se negou em carta assinada por seu então presidente José Augusto Prestes, documento denominado como “Resposta Histórica”. Ver: MARCOLAN. “O profeta vascaíno”: a ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001), 2024.

⁷⁸ Disponível em: <https://vasco.com.br/destaque/carta-aberta-respeito-igualdade-inclusao/>.

⁷⁹ Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.

⁸⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/autistas_da_colina/

⁸¹ RESENDE. *A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira de futebol*, 2024.

venceu por 2 a 1, com direito ao atacante Germán Cano levantar a bandeirinha de escanteio com o arco-íris na comemoração de um dos gols.⁸² Também em 2021, o Vasco lançou uma carta aberta na qual se colocava ao lado do combate à homofobia e à transfobia no futebol, sem a distinção de gênero e orientação sexual, com direito a um mosaico nas arquibancadas de São Januário com a palavra “Respeito” e as cores do arco-íris.⁸³ Em 2022, foi lançada a camisa preta com a faixa transversal nas cores do arco-íris com o lucro revertido para a Casa Nem, espaço de acolhimento LGBTQI-APN+ da cidade do Rio de Janeiro.⁸⁴ No mesmo ano, em junho – mês do combate internacional contra a LGBTfobia –, o clube organizou um protesto em outro jogo em São Januário em apoio à causa LGBTQIAPN+⁸⁵ com direito a fogos nas cores do arco-íris e funcionários com camisas LGBTQIAPN+ do Vasco. A torcida confeccionou bandeiras nas cores do arco-íris para tremular nas arquibancadas, tais quais as dos ídolos, de torcidas organizadas etc. Em 2022, o Vasco também lançou um manifesto que contou com o apoio e a assinatura de todas as torcidas organizadas que se fazem presentes em São Januário ou no Maracanã, um manual de conduta ética que repudia a discriminação de gênero e orientação sexual no futebol.⁸⁶

Ações que demonstram, naquele momento, uma atuação conjunta entre clube e torcida na luta contra a LGBTfobia no futebol. No entanto, é importante ressaltar que foram iniciativas no mês de junho, o do orgulho LGBTQIAPN+. As próprias bandeiras LGBTQIAPN+ do Vasco não aparecem mais com frequência nos jogos de São Januário. Importante que as ações do Vasco, e de outras agremiações, se deem ao longo do ano inteiro, não apenas em datas comemorativas, além de pautar outros clubes, federações e CBF para realizar um trabalho conjunto em favor do combate à LGBTfobia e a outras opressões contra minorias, em defesa do futebol popular.

⁸² CANO levanta bandeira do arco-íris em comemoração de gol do Vasco e leva cartão amarelo. Disponível em: <https://abrir.link/uPmAe>.

⁸³ VASCO monta mosaico em São Januário e lança manifesto contra homofobia e transfobia; leia na íntegra. Disponível em: <https://abrir.link/nsNNi>.

⁸⁴ VASCO lança camisa LGBTQIA+ e lucro será revertido para lar de acolhimento. Disponível em: <https://abrir.link/yMObz>.

⁸⁵ VASCO entra em campo com fogos nas cores da bandeira LGBTQIA+. Disponível em: <https://abrir.link/QWHDI>.

⁸⁶ CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Carta aberta: respeito, igualdade, inclusão. Rio de Janeiro, 12 jun. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/zpHzD>.

“NÃO VOU MUDAR A MINHA FORMA DE TORCER”

Da mesma maneira que a ambiência do Vasco em 2024 permitiu a ascensão de um torcedor negro LGBTQIAPN+, com a performatividade divergente das expectativas em relação à masculinidade, também existe o outro lado formado de ofensas, violências, ameaças e tudo aquilo que a heteronormatividade masculina busca enquadrar ao seu *modus-operandi*, a partir de uma sociedade binária (homem e mulher) que hierarquiza os corpos. Em 19 de julho de 2024, no mês seguinte à celebração do Orgulho LGBTQIAPN+, Nando Gald denunciou, em seu Instagram, as ofensas LGBTQfóbicas, ao publicizá-las em vídeo.

Aproveitamos a análise de conteúdo como metodologia, pelo viés qualitativo, para analisar o referido vídeo de Nando Gald. Os autores Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião⁸⁷ reconstituem a ideia sobre a análise de conteúdo ser exclusivamente um método quantitativo ou qualitativo. Eles preferem as definições de autores que consideram legítimas o uso da análise de conteúdo para pesquisas qualitativas. A partir dessa visão que esta pesquisa se baseará ao mostrar que a análise de conteúdo pode ser aplicada de diferentes maneiras: descrever tendências no conteúdo da comunicação; identificar as intenções e outras características da comunicação; traçar o desenvolvimento de conhecimento; refletir sobre atitudes, interesses e valores (padrões culturais) de grupos da população. No contexto da comunicação, os autores identificam os usos para descrever características manifestas da comunicação (quem, o quê, como); fazer inferências dos antecedentes da comunicação (por que algo é dito?); fazer inferências das consequências da comunicação (efeitos do que é dito).⁸⁸

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos.⁸⁹

⁸⁷ SAMPAIO; LYCARIÃO. *Análise de conteúdo categorial*, p. 17.

⁸⁸ SAMPAIO; LYCARIÃO. *Análise de conteúdo categorial*, p. 21.

⁸⁹ SAMPAIO; LYCARIÃO. *Análise de conteúdo categorial*, p. 17.

O vídeo contém cinco minutos e treze segundos, obteve mais de 719 mil visualizações, 71 mil curtidas, 11,3 mil comentários e quase 5,5 compartilhamentos no Instagram, de acordo com números fornecidos pela própria plataforma. Ao contrário de outras publicações, não existe humor, característica marcante do influenciador: Nando Gald está com o semblante sério (diferente daquele usado para performar masculinidade) e triste. O torcedor-influenciador do Vasco aparece sozinho trajando uma camisa do clube, cujo símbolo é a mão negra fechada do antirracismo, com os dizeres “Respeito, Igualdade e Inclusão”. Nando Gald está de frente com a câmera, que está posicionada na altura de seu rosto, representando uma conversa e um canal de diálogo direto com o seu público. Na categoria visual, portanto, Nando (emissor) consegue comunicar a seus seguidores (receptores) que o assunto do vídeo é um tema diferente do que ele aborda cotidianamente e ativa o ecossistema vascaíno e as pautas sociais de inclusão implementadas pelo clube. Na categoria áudio, Nando inicia a sua fala – após a reprodução das mensagens preconceituosas – com um tom de voz sereno ao dizer que “não vai ficar calada” e que precisa “colocar para a fora” sobre o teor das mensagens que tem recebido. Nando Gald ressalta que não quer se vitimizar, mas que precisou publicar aquele vídeo porque, segundo ele, “está maçante” devido à quantidade de ofensas LGBTfóbicas e até racistas que têm recebido. Com o andar do vídeo, aumenta a entonação ao falar que não vai deixar de ser quem é.

Nando Gald inicia o vídeo reproduzindo duas mensagens recebidas de dois homens.

Mano, para de usar a camisa do Vasco quando for fazer essas graças aí de... Entendeu? Já imitando homossexual, essas coisas... Pô, tá louco. A gente já sofre demais, mano. A mídia já não... já é contra... É todos contra a gente, mano. Entendeu? E daí... Pega, não tem mais isso aí, pô. Tá louco, os caras ficam de chacota com a nossa cara por conta disso. Eu sou vascão também, assim como você... Como você deve ser, né? Mas, pô... Tá louco pra ir aguentando chacota dos caras na rua, mano. Minha parada não é nada contra você não, entendeu? Só é na hora que você veste o manto... Por mais que fale essas coisas aí, pô. Tá louco.

O que o pessoal tá falando aqui? Não tem nada contra você, entendeu? Nem é intriga, nem nada... Não quero com ninguém. Mas, pô... Tá num grupo de futebol, de boleiro... De jogador de final de semana... Os caras mandam figurinha, mandam vídeo seu. Tá louco, mano. É, tipo, meio que enfeia, né? A história do Vasco, pô. Tá louco.⁹⁰

⁹⁰ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

As ofensas demonstram que a performatividade de Nando Gald, que fica “imitando homossexual”, é compreendida como “chacota” de outros homens torcedores de times rivais. A palavra “chacota” é apresentada como negativa, colocando a homossexualidade e a feminilidade como inferiores ao ideal do macho. Os dois ataques sofridos por Nando Gald colocam o modo de torcer – e de ser – do influenciador como algo a ser combatido, uma vez que foge à performatividade⁹¹ masculina. Mulheres e indivíduos LGBTQIAPN+ – os “anormais” – estão socialmente à margem do centro – o “normal” – masculino heterossexual.⁹² São apresentados os discursos e valores presentes socialmente que legitimam apenas a heterossexualidade masculina como a forma de ser e agir nas relações. O fato de um dos agressores, que não tiveram suas identidades reveladas, dizer que Nando Gald imita homossexual demonstra como a masculinidade heteronormativa é vista como algo natural, sendo quaisquer formas divergentes dela como exagerado, forçado, bizarro e errado. O primeiro comentário questiona até se Nando Gald é vascaíno: “Eu sou vascaão também, assim como você... Como você deve ser, né?”.⁹³ Se Nando Gald performasse uma masculinidade viril, exigido por essa normatividade, dificilmente teria sua identidade enquanto homem e torcedor do Vasco questionada. O segundo apresenta um contrassenso ao discurso do próprio CRVG ao dizer que o jeito de torcer de Nando Gald enfeitaria a história do clube, que se porta com o lema de “Respeito, Igualdade e Inclusão” em favor de causas sociais no futebol.

O teor das mensagens ofensivas ativa o currículo do torcer no futebol, que coloca a masculinidade heterossexual como referência.⁹⁴ As normas e a tradição são reforçadas para lembrarem a Nando Gald que ele não é bem-vindo no futebol. Uma pedagogia do torcer⁹⁵ que é reiteradamente ativada para evitar com que pessoas como Nando Gald se façam presentes nos estádios de futebol. No entanto, mesmo que o regramento masculino heteronormativo tente delimitar as maneiras de torcer, existirão aqueles que, por motivos variados, vão se negar a viver sob a opressão.

⁹¹ BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 55-6.

⁹² LOURO. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”, p. 44.

⁹³ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

⁹⁴ BANDEIRA; SEFFNER. Pedagogias do futebol e do torcer, p. 26.

⁹⁵ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol, p. 344.

Outra potencialidade do conceito de currículo é a relação não causal entre seus alvos e seus resultados. Como todo percurso, “mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso” (Louro, 2004, p. 16). O que os sujeitos fazem com os currículos nem sempre (ou quase nunca) corresponde exatamente ao que lhes é proposto ou apresentado, “nós somos o que nos tornamos, o que significa que podemos também nos tornar, agora e no futuro, outra coisa” (Silva, 2003b, p. 26). A irrupção, a incerteza e a imprevisibilidade talvez sejam as grandes potencialidades da relação entre currículo e masculinidade.⁹⁶

Na sequência da reprodução das ofensas, o torcedor-influenciador revelou que recebeu ofensas homofóbicas até em datas de conscientização contra a homofobia. Nando Gald também disse que, a partir daquele momento, irá processar aqueles que lhe ofenderem e que não vai moldar o jeito dele de torcer pelo incômodo de terceiros: “Em pleno século XXI, as pessoas estão incomodadas com a forma e o jeito de ser da pessoa”.⁹⁷ Nando Gald pede para os incomodados reverem onde está o problema, se é realmente ele ou os preconceituosos que o atacam. O torcedor-influenciador lembra que a instituição Vasco não vê problema no jeito dele de torcer. Embora não ver problema não seja um apoio direto, Nando Gald busca legitimar-se em cima das ações do CRVG, que, como dito, já o chamou para eventos e iniciativas para as redes sociais.

Na imagem, Nando Gald comunica a luta social do Vasco, porém, a fala não recupera essa memória do CRVG, focando mais em seu posicionamento enquanto corpo LGBTQIAPN+ presente no futebol que incomoda certos tipos de torcedores.⁹⁸ Nando Gald une os dispositivos de áudio e vídeo, complementando-os para comunicar a mensagem que deseja a quem o acompanha.

O vascaíno questiona, ainda, que não compreende os motivos de tanto discurso de ódio, já que bastava deixá-lo de seguir, dizendo que aprendeu que, se não gosta de algo, simplesmente não o consome, em vez de atacá-lo. Nando afirma que, a partir daquele vídeo, quaisquer ofensas recebidas sobre ser homossexual seria levada à justiça. Ao negar a imposição social de uma masculinidade heteronormativa, seja no futebol ou fora dele, Nando Gald se posiciona ao dizer que “eu não vou ficar me moldando por causa de uns e outros que estão incomodados da forma que eu

⁹⁶ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol, p. 345-6.

⁹⁷ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

⁹⁸ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

torço, da forma que eu grito, da forma que eu falo, entendeu?”.⁹⁹ O vascaíno entende o próprio jeito de torcer como algo legítimo nos estádios de futebol ao afirmar que não vai se calar e que vai continuar indo para os jogos do Vasco da Gama.

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho.¹⁰⁰

Ao contradizer as ofensas recebidas e se posicionar que não vai deixar de ser quem é, Nando Gald coloca-se na trincheira pela defesa de si enquanto um corpo desviante para os padrões da masculinidade hegemônica, dentro e fora do futebol. Ao se enxergar como um corpo político, o torcedor-influenciador entende-se como um indivíduo capaz de modificar regras hegemônicas e excludentes do futebol, fenômeno que merece atenção nos próximos anos.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O torcedor-influenciador do Vasco revelou que torcedores LGBTQIAPN+, mais comidos e dominados pela lógica masculina e heteronormativa, chegam até ele nos estádios para pedir que continue com o próprio jeito de torcer.¹⁰¹ Em certa medida, existe uma demanda para que essa pedagogia do torcer que ainda se mostra forte no futebol seja repensada para que o esporte mais popular do país se torne democrático. Uma maneira de repensar o torcer exige o envolvimento de todos os atores do futebol, como jogadores, dirigentes, clubes, federações, CBF, imprensa etc. As campanhas sociais precisam deixar de serem lançadas de forma isolada em datas específicas. A predominância e exaltação de ideais de masculinidades calcadas na demonstração de virilidade, machismo e homofobia afeta o público futebolístico e a sociedade como um todo, afastando não apenas indivíduos como Nando Gald. Há homens e mulheres, sejam quais performatividades possuam, que rejeitam ir a estádios por causa dessa virilidade exigida no esporte, pela violência entre torcidas, além

⁹⁹ Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

¹⁰⁰ RANCIÈRE. *O desentendimento – Política e Filosofia*, p. 42-3.

¹⁰¹ RIBEIRO. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco.

de outros motivos, como a arenização e elitização do futebol brasileiro. Exemplo disso foi a briga entre torcidas de Santa Cruz e Sport, durante o Campeonato Pernambucano em fevereiro de 2025, que resultou no estupro de um torcedor. A subalternização, por meio da violência e pela condição de passivo, ligado à feminilidade. Enquanto o agressor representaria a masculinidade hegemônica, o viril, o ativo. Foram cenas que chocaram a opinião pública.¹⁰²

Em nota no X, no mesmo dia que o vídeo de Nando Gald foi divulgado, o Vasco saiu em defesa de Nando, e colocando-se contra o preconceito no futebol: “O Vasco da Gama, que carrega em suas raízes o Respeito, a Igualdade e a Inclusão, vem publicamente manifestar que repudiamos veemente qualquer tipo de ataque preconceituoso, inclusive ao torcedor @Nandogald”.¹⁰³ O clube também publicou que “Somos o time que abraça e acolhe todas as diferenças em nossa torcida, fazendo assim que sejamos o Legítimo Clube do Povo” (Club de Regatas Vasco da Gama, 2024).¹⁰⁴ Esse gesto seria pouco provável há um tempo. Entretanto, é necessário acompanhar como se darão os próximos passos de Nando Gald como um corpo divergente nos estádios de futebol, além de entender como ficarão as tomadas de decisões das instituições que controlam o futebol brasileiro para o acesso de pessoas LGBTQIAPN+ nos estádios. Como o Vasco vai trabalhar a pauta LGBTQIAPN+ nos próximos anos? Urge a necessidade do mapeamento de coletivos e torcidas LGBTQIAPN+ pelo país. Quantas torcidas existem? Frequentam os estádios ou ficam só nas redes sociais? Há algum tipo de diálogo com os clubes? Como é essa relação? Como a Canarinhos LGBTQ, que possui a parceria da CBF, se encaixa nesse contexto? A CBF, como organizadora do futebol brasileiro, propõe o quê? Esses entendimentos possibilitarão a chance de entender a realidade do futebol brasileiro – para que haja o enfrentamento ao preconceito – e a criação de políticas públicas pensando na população LGBTQIAPN+.

* * *

¹⁰² SOUZA, Beto. O que se sabe sobre briga envolvendo torcedores do Santa Cruz e Sport. Disponível em: <https://abrir.link/lSozh>.

¹⁰³ Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês**: uma história da Coligay. Santos: Dolores Editora, 2022.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. “**Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração**”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 342-51, 2010.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2019.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Pedagogias do futebol e do torcer. In: BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. (Orgs.). **Pedagogias do futebol e do torcer**. Porto Alegre: Cirkula, 2024, p. 11-44.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENITEZ DE MELO, T.; PIRES SANTOS, M. E. “Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr. **CSOnline**, n. 31, 2020.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 25ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2023.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. DOI: 10.1590/S0104-026X2013000100014.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Carta aberta**: respeito, igualdade, inclusão. Rio de Janeiro, 12 jun. 2022. Disponível em: <https://vasco.com.br/destaque/carta-aberta-respeito-igualdade-inclusao/>.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **O Vasco da Gama [...]**. Rio de Janeiro. 19 jul. 2024. X: @VascodaGama. Disponível em: <https://x.com/VascodaGama/status/1814374598474899584>.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Vamos juntos escrever os #Próximos100Anos de Glórias, Lutas e Vitórias**. Youtube: Vasco TV. 6 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iFrFv4bF8o>.
- CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Torcida do Vasco assume protagonismo na luta contra a homofobia e transfobia**. Rio de Janeiro, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/LsOme>.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Tradução Plínio Dentzlen. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

Fonte: Twitter Nando Gald (@nandogald). Disponível em: <https://x.com/Nandogald/status/1848562335100686471>.

GALD, Nando. **Então, meu povo!** Rio de Janeiro. 19 jul. 2024. Instagram: @nandogald. Disponível em: <https://abrir.link/dRAwL>.

GALD, Nando. **Eu cheguei pra salvaaaaaar!!!!** Rio de Janeiro. 13 nov. 2024. Instagram: @nandogald. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCUNfa6uWkE/>.

GALD, Nando. **Hoje é dia dele**. Me deu amor carinho. Agradeço a Deus por ter você em minha vida. Te amo. Feliz aniversário, meu Pai. 25 fev. 2024. Instagram: @nandogald. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C3yPF-yOLHU/?img_index=1.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O fim do Estádio-Nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol**: objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014.

KARHAWI, Issaaf. **Influenciadores digitais**: conceitos e práticas em discussão. Comunicare, São Paulo, v.17, edição comemorativa, p. 46-61, 2017.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: **Tendências em comunicação digital**, organizado por Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira, p. 38-58. São Paulo: ECA-USP, 2016.

LIVRE, Palmeiras. **TIME PERDE, LGBTI+fobia ATACA**. São Paulo. 27 dez. 2024. Instagram: @palmeiraslivre. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DC49hB8JXwU/>.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. Prefácio a 9ª edição. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. O direito ao estádio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019.

MORAES, Dênis de. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 9, n. 2, 2011.

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Biblioteca Online de Estudos da Comunicação, 2001. Disponível em <
<https://pt.scribd.com/document/63666643/Denis-Moraes-O-Ativismo-Digital>.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Torcidas queer e livres em campo**: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. Ponto Urbe, São Paulo, Brasil, v. 14, p. 1-12, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

RESENDE, Marcelo. **7 a 1 nos jornais do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Corner, 2024.

RESENDE, Isabelle; RODRIGUES, Cleber. Ações contra times de futebol por homofobia superam as de injúria pela primeira vez, diz STJD. 27 jul. 2022. Caderno de Esportes. Disponível em: <https://abrir.link/EcQFZ>.

RIBEIRO, Emanuelle. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco: respeite a história de Nando Gald. Ge.com. 28 jun. 2024. Caderno Vasco. Disponível em: <http://bit.ly/3HAnJpk>.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diogenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Coleção Metodologias de Pesquisa. Brasília: Enap, 2021.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2004.

SIMÕES, Irlan. **A produção do clube**: poder, negócio e comunidade no futebol. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Políticas e formas de torcer: novas faces do associativismo torcedor no Brasil. In: FISCHER, Thomas; Romy Köhler, Stefan Reith. (Org.). **Fútbol y sociedad en América Latina**. 1ª ed. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2021, v. 27, p. 209-18.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol**: objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014.

VASCO monta mosaico em São Januário e lança manifesto contra homofobia e transfobia; leia na íntegra. O Globo, Rio de Janeiro, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/nsNNi>.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 04 ago. 2025.